

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Leonel Henriques Martinho

registada em 2008-09-11
por

Hugo Pereira e Carla Aguiar

Leonel Henriques Martinho

Leonel Henriques Martinho, natural de Monte Frio, nasceu a 12 de Março de 1947. Os pais são Arménio Martinho da Conceição e Maria da Assunção Henriques. O pai quando veio para Monte Frio era resineiro e depois passou a ajudante de camionagem. A mãe trabalhava no campo e em casa. Leonel é o mais velho de quatro filhos e tinha de ajudar a mãe. Aos 8 anos foi para a escola e andou lá até à quarta classe. Foi na escola que conheceu a esposa, com quem começou a namorar aos 17 anos, quando veio de Lisboa para Monte Frio. “O namoro foi à moda antiga.” Depois de acabar a escola foi para Lisboa trabalhar. Foi marçano, num lugar de frutas, trabalhou em cromagem, numa sapataria, numa litografia. Quando regressou a Monte Frio, andou aos dias, trabalhou na estrada, foi ajudante de camioneta e trabalhou nas obras até assentar praça em Agosto de 1968. Em Janeiro de 1969 foi para Moçambique. Durante a guerra, ficou cinco anos fora de casa, sem ver família, até que em Maio de 1973 voltou para Monte Frio. Regressou ao trabalho anterior e entretanto começou na camionagem, primeiro no nacional e depois passou para o internacional, até se reformar.

Índice

Identificação Leonel Henriques Martinho.....	4
Ascendência Arménio Martinho da Conceição e Maria da Assunção Henriques.....	4
Infância "Ouvi nascer os meus irmãos todos".....	6
Educação "Éramos todos amigos".....	8
Casamento Do namoro ao casamento.....	10
Casa Casas - passado e presente.....	12
Percurso profissional Íamos "Desemburrar".....	13
Migração Por fora de Monte Frio.....	21
Costumes Festas e bailaricos.....	22
Lugar Monte Frio - antes e depois.....	25
Avaliação "Belíssima ideia".....	27

Identificação *Leonel Henriques Martinho*

Sou Leonel Henriques Martinho, natural de Monte Frio e nasci a 12 de Março de 1947.



Leonel Martinho (1982)

Ascendência *Arménio Martinho da Conceição e Maria da Assunção Henriques*

Os meus pais são Arménio Martinho da Conceição e Maria da Assunção Henriques. A minha mãe era natural de Monte Frio e o meu pai de Bufalhão, Pombeiro da Beira.

Da resina ao casamento

O meu pai quando veio para Monte Frio era resineiro. Essa era uma profissão comum na zona. Consistia em resinar o pinhal. Tirar a resina dos pinheiros. A resina era recolhida em barris e era transportada em carros de bois para a zona onde um camião a pudesse carregar para levar para as fábricas. Diziam que a resina dava para fazer sabão, alcatrão e velas. Nessa altura, quando o meu pai veio, já cá estava o meu tio, irmão do meu pai que é da Moura de Serra, que também era resineiro. E estava também o senhor José Ferreira que era do Sergudo e se casou no Monte Frio com uma tia da minha esposa. Havia mais gente que se dedicava a esta profissão no pinhal.

O meu pai conheceu a minha mãe quando trabalhou na resina, namorou e casou-se com ela. Depois passou a ajudante de camionagem. A minha mãe era trabalhadora rural e doméstica, trabalhava no campo e em casa. Houve tempos em que a minha mãe cultivava fazendas em vários sítios. Tinha o Giral, entre a Moura da Serra e o Monte Frio e tinha o Samouro. Teve sempre cabras e ovelhas. Não em muita quantidade, sempre seis, sete, oito cabeças no máximo, entre ovelhas e cabras. Era praticamente para, como a gente diz, amassar o estrume para a fazenda. Era o adubo que se punha nessa altura. Depois ela vendeu o Samouro para ficar com a casa que era de 11 herdeiros. Os meus avós tiveram 11 filhos. Além da minha mãe eram mais dez e eu conheci-os a todos.

"Eu sou o mais velho de quatro"

Eu sou o mais velho de quatro filhos. Chegaram a ser cinco mas um morreu quando nasceu. Nascemos todos na mesma casa. A diferença da minha idade para o meu irmão mais novo é de dez anos. Os meus irmãos chamam-se António Martinho, Emídio Martinho e Amadeu Martinho. O António mora em Lisboa. O Emídio, por enquanto, tem residência no Bairro dos Bons Dias em Odivelas. Ele foi embarcação muitos anos e ainda hoje está fora. Está na Sibéria, acho que numa plataforma petrolífera. Gere o armazém de comestíveis da empresa. O Amadeu mora em Monte Frio, mas trabalha em camiões TIR numa empresa internacional. Nunca tivemos uma zanga. Em pequenito, às vezes, podia haver uma divergência qualquer, mas fomos sempre todos muito amigos. Entre irmãos demo-nos sempre bem e ainda hoje é igual

"Não havia aquele ambiente familiar que hoje há"

O ambiente em casa quando eu era criança era pobre, a gente nasceu com muita pobreza. O meu pai ganhava pouco e a minha mãe nada. Era só a trabalhar na fazenda, no campo, para angariar o milho, as batatas e pouco mais, para se comer durante o ano. O meu pai quando estava na resina, ainda estava em casa à noite. Mas quando foi para ajudante de camionagem, num certo tempo, só vinha ao fim-de-semana e depois não havia aquele ambiente familiar que hoje há. Não sei se se chegou a passar fome, se não, mas à noite havia sempre comida. Ao almoço e ao jantar, se não houvesse mais, era sopa e pronto.

Infância *"Ouvi nascer os meus irmãos todos"*

Só começo a recordar a minha infância mais a partir dos 5 anos quando ia com o meu avô para a taberna da dona Assunção Peres. Ficava ao pé do meu avô e ele dava-me vinho ou aguardente.

"Tinha de lhes dar o biberão"

A minha mãe teve os filhos no quarto ao lado onde eu dormia. Não me lembro do meu irmão António nascer mas a partir dele, ouvi nascer os meus irmãos todos. Depois tinha que ajudar com as fraldas. A minha mãe ia para o campo e eu, como era o mais velho, tinha de lhes dar o biberão. Pegava nas fraldas, dentro de um alguidar e ia para o tanque da Barroca, que ainda hoje existe, e há-de existir muitos anos. Eu é que lavava, eu é que fazia essas coisas todas.

"Éramos uns traquinas"

Eu brincava mais com o meu irmão António mas éramos todos uns traquinas. Quando nos portávamos mal ou fazíamos alguma travessura e o meu pai estava em casa, não levávamos porradita, mas quando ele não estava a minha mãe dava-nos. O meu pai punha-nos sempre muito "o braço por cima"¹, como a gente costuma dizer, não deixava dar. Tanto eu como os meus irmãos nunca tivemos o hábito de andar por aí a saltar para ir roubar uvas ali ou uma maçã

¹Proteger

acolá. Embora, nessas alturas, se fizessem muito essas coisas nós nunca tivemos esse hábito.

Porrada "Inocente"

Há um episódio que ainda hoje me recorda. Já lá vão muitos anos. Naquela altura era tudo cultivado, isto que se vê agora não tem nada do que era. Havia milho, feijão e batata pelos campos fora. Quando era miúdo, quando acabava o período da escola, eu ia para os ninhos com mais uns dois ou três rapazes, mais ou menos da minha idade, pelas barrocas abaixo. Um dia andávamos aos ninhos numa cova e acontece que sai um gado, umas cabras e ovelhas, de um curral e andavam na rua a comer o milho que lá havia, as canas do milho ainda verde. Ora como nós andávamos aos ninhos eu fui culpado de ter ido destrancar o curral e levei uma grande carga de porrada da minha mãe e era inocente. É este o episódio de miúdo que mais me lembra e que mais me marca, porque eu não tinha culpa nenhuma. Cheguei a dizer a essa senhora antes dela morrer, que eu não tinha feito aquilo, nem nenhum dos que lá andavam tinham feito. Aquilo deve ter sido alguma carga de marrada na porta e a tranca saltou fora e elas vieram para a rua.

Os brinquedos ou a roupa?

No meu tempo, havia missa todos os domingos no Monte Frio. Havia muita criança e não só daqui mas doutras terras mais vizinhas. A igreja tinha sempre muita criança, muita juventude e ao domingo com certeza levávamos uma roupa melhor.

O prémio

Uma vez, houve um padre que fez uma regulamentação: quem mais vezes fosse à missa dava alguma coisa. E eu atingi o maior número de vezes de ir à missa. Deram os premiozitos na Benfeita e vinham uns brinquedos e duas ou três camisas. Eu aproveitei um automovelzito, daqueles de lata e houve um que não estava tão bem classificado como eu e que trouxe uma camisa. Ai meu Deus! Levei o carrito e a minha mãe ainda me bateu por causa disso. A gente olhava para a coisa que parece que luzia mais nos olhos, mas ora com certeza a minha mãe preferia a camisa, mas eu era criança.

O vestuário, nessa altura, era tudo dado por outras pessoas que traziam de Lisboa. Eram uns calçõezitos, umas calcitas, às vezes, com uns suspensórios ou umas alças. Para ir para a escola, quando chovia, era o casaco do meu pai pela cabeça, um casaco velho é que fazia de gabardine. Não me lembro quando tive o meu primeiro calçado mas com certeza já não foi muito pequenito. Os primeiros foram uns sapatitos de pano, depois lá vieram as botas de pneu e fui para Lisboa com elas, com 12 anos. A roupa passava de irmão para irmão. Havia também sempre aquelas pessoas que tinham mais quantidade, que tinham menos filhos e que guardavam e iam dando. Era assim que a gente se ia safando por aqui. Era muito difícil ir a uma feira ou ir comprar roupa porque não havia dinheiro.

À Benfeita para fazer a Comunhão Solene

Todos os dias às três da tarde, depois da escola, íamos para a doutrina a pé. Íamos a correr pelos atalhos, por aí abaixo para a Benfeita, para fazer a Comunhão Solene. Íamos lá, frequentávamos a catequese e vínhamos outra vez a pé por aí acima. Eu não sei como é que nessa altura se conseguia fazer aquilo. Íamos pelo meio de barrocos. Aquilo era terrível, corríamos, corríamos. Ainda é bastante longe. Éramos miúdos, conhecíamos já aquilo de cor e salteado e conhecíamos os atalhos mais perto. Demorávamos meia hora para baixo. Para cima demorava mais que é a subir. Do Monte Frio fizemos quase todos a Comunhão Solene, a fazer esse trajecto a pé. Não tenho recordação do que levava vestido, mas com certeza ia mais bem vestido. Já de certeza que levava sapatos.

Entre a escola e o campo

Depois da escola, no Verão, ia sempre ajudar a minha mãe no campo. A minha mãe fazia-me levantar às quatro horas da manhã para ir roçar um molhito de mato. Eu punha um casaco por baixo e dormia até ela acabar de roçar. Arranjava um molho para ela e outro para mim. Também ajudava a carregar o milho e a carregar a erva para a fazenda. Ficava lá a ajudá-la um bocado e, depois, quando era hora, ia para a escola. Quase sempre em jejum ou com uma tigelita de café com broa, mais nada. Ao almoço comia sopa e isso é que a mim me contrariava muita vez, mas tinha de ser. Quando havia carne de porco, ainda se comia carne, mas isso também era muito difícil. Andei assim talvez durante meio ano, até me ir embora para Lisboa .

Educação "*Éramos todos amigos*"

Na minha altura, éramos 40 e muitos na escola de Monte Frio e só uma professora. Eram alunos também de Relva Velha e do Valado. A gente brincava à apanhada, às escondidas, sempre a correr a apanhar uns e outros. Ainda hoje, às vezes, me ponho a pensar e digo que nós éramos todos amigos nessa altura. Não tenho assim nenhum amigo que me marcasse. Até ao melhor amigo a gente é sempre capaz de atirar uma pedra ou atirar uma coisa ou outra, mas para mim éramos todos amigos. Tanto faz na parte de rapazes como também de raparigas que aquilo éramos mais ou menos metade, metade. A minha mulher, que é hoje minha mulher e uma irmã dela também andavam na escola. Temos uma fotografia na Comissão onde estamos quase todos. Desse ano parece que estão lá 33.



Leonel Martinho (último da 1ª fila, da esq. para a dta.)

A escola era feita de pedra, embora estivesse rebocada por fora. Hoje não existe, está lá o terreno. Por dentro tinha casas de banho, tinha um anexo que era um vestuário e era ampla. Era bonita na altura.

"Excelentes Recordações"

Eu fui para a escola com quase 8 anos. Como nasci em Março tive que esperar e só entrei em Setembro. Durante esse tempo andava na escola mas era como se não andasse, ia só para me desenvolver mais. Nessa altura era uma senhora que era esposa de um guarda florestal, no Barrocal. Não sei se ela era regente, se era professora, mas que ela era mazinha era e eu não tinha nada a ver com a escola. Ia lá só para me desenvolver e de vez em quando, levava a minha reguada por qualquer coisa que não estivesse bem, aquelas traquinagens de um miúdo com 7 anos. Eu andava a aprender mas ela não me dava aulas. Tinha que ir aprendendo o que ouvia. Ela não me puxava a mim. Era só aos alunos e mesmo assim levava reguadas.

Tive duas professoras que eram da terra. Deram-me aulas na primeira classe, que era o primeiro ano de aulas delas também. Era a dona Alda Peres na primeira classe e depois veio uma prima dela, que era Arménia Peres. Deram pelo menos quatro anos aqui. Como eram oriundas da terra, filhas de pessoas da terra e netas do senhor Francisco Peres, vieram para Monte Frio dar aulas pela primeira vez. A dona Assunção Peres que era a senhora que tinha a taberna também fazia parte da mesma família. Era a mãe da minha segunda professora, que foi da segunda, terceira e quarta classe, a dona Arménia Peres. Dessas duas professoras tenho as melhores recordações. Excelentes professoras, excelentes profissionais sem dúvida. Não é por serem da terra, não é por eu hoje lhe ter um grande carinho ainda, não é por a dona Arménia ainda hoje me chamar aluno e essas coisas, mas eram excelentes, aprendi muito, muito mesmo. Quando a gente se portava mal, levávamos as reguadazinhas da ordem, de vez em quando a cana de bambú a trabalhar, ao longe, era assim.

O exame da quarta

Da matéria da escola gostei de tudo. Fui sempre mais ou menos um aluno regular. A mim consideravam-me bom, mas pronto! Dos números, ainda hoje gosto. Ainda consigo fazer contas de cabeça sem fazer pelos dedos nem nada e só com a quarta classe. Mete-me impressão quem está a fazer uma soma e a contar pelos dedos. Fiz o exame da quarta classe em Arganil. Fiquei bem logo à primeira. Nesse dia lembro-me que fomos num carro. Não sei se foi num carro de praça ou se foi no carro da professora como éramos uns quatro ou cinco. Foi um dia normal, fomos fazer o exame e viemos para casa.

Casamento *Do namoro ao casamento*

"Com 17 anos"

A minha esposa já conheço desde a escola, desde pequenina. Comecei a namorar com ela, com 17 anos, quando vim de Lisboa para Monte Frio. O namoro foi à moda antiga: "se queres namorar comigo, queres, se não queres tenho de me ir embora, até logo!" Não tive de pedir ao pai dela nem nada. Não me lembro quanto tempo namorei mas acho que foi pouco tempo. Ela ficou grávida e depois casei-me.



Leonel Martinho (1964)

"Não havia outras possibilidades"

O casamento foi na Benfeita. Falámos a uma pessoa que tinha uma carrinha, levámos as testemunhas e casámos pela igreja. Fizemos um almoço em casa para meia dúzia de pessoas e já está. Não houve festa nem nada. Não havia outras possibilidades. Nessa altura o meu pai trazia obras na casa e eu andava lá a trabalhar, a ajudá-lo e ele mandou-me fazer um fato num alfaiate que havia no Valado. Eu pensei que o ia pagar e ele já o tinha pago. Foi esse fato que levei ao casamento. A minha mulher ia com um vestido emprestado. Era de uma senhora, mulher de um guarda-florestal. Ela era de Mira mas estava numa casa florestal, que ainda lá está, no cimo de onde eu moro agora, no Chão do Valado.

Casa Casas - passado e presente

A casa da minha infância

A casa onde vivi durante a infância ainda hoje existe. Tinha dois pisos com lojas, o primeiro piso com uma sala ainda bem grande e dois quartos, e o segundo piso com a cozinha, um quarto e uma sala. Tinha também duas lojas de arrecadação, tipo adega, que mais tarde, quando o meu pai começou a fazer o vinho, tinha lá os pipos dentro. Nós tínhamos três quartos, com duas camas e dormíamos dois em cada cama. Era os mais velhos com os mais velhos e os mais novos com os mais novos. Às vezes, trocávamos de quarto, até os meus pais trocavam. Eram dois quartos no andar de baixo e um quarto no andar de cima e quando não dava havia sempre a sala do andar de baixo. Era aquela sala que quando trazíamos o milho da fazenda púnhamos ali para malhar. Tinha uma cama, ali à parte, para quando ia até mais uma pessoa ou assim. Normalmente, dormíamos os rapazes dois a dois mas quando o meu irmão mais novo nasceu eu daí por dois anos saí para Lisboa. Nesse caso, o mais pequenino dormia com a mãe e com o pai porque o pai andava sempre às semanas, por fora, ou no Alentejo ou nos camiões.

Essa casa já vem do tempo do meu avô. No ano em que me casei, o meu pai deu-lhe um arranjo. Isto foi em 1964 e é como ela ainda está hoje, que é do meu irmão mais novo. A casa é de pedra de lousa como ele lhe chama. Ainda hoje tem um quintalzinho que era onde a minha mãe tinha uma hortazita. Tem uma cerejeira, era onde andavam as galinhas.

A casa não tinha casa de banho. De dia fazíamos no campo, durante a noite era só o xixi, nos penicos e depois lá iam para uma estrumada que havia ao fundo da casa. Os cheiros já se sabia como é que era mas a gente estava habituada. Tinham sempre o mato e aquilo ia tudo lá para dentro e fazia estrume para o quintal e para esses bocadinhos mais próximos de casa que era de onde saía a hortaliça que a gente chama "mimo", as verduras mais fresca do dia. Os "mimos" são os pimentos, os tomates, as alfaces, as couves e isso assim. É aquilo que a gente colhe e que praticamente come na altura. Aqui na zona usam-se os "mimos". Ainda hoje a minha mulher diz:

- "Fui regar os "mimos"!"

Depois do casamento

Depois de casar ficámos a morar com os pais da minha mulher. Fica em Fonte de Raiz a 800 metros da Casa do Povo. A minha filha mais velha ainda nasceu lá. Depois viemos morar para o Monte Frio, até eu me ir embora para o Ultramar. Nessa casa eu pagava uma rendazita. Quando vim do Ultramar a casa tinha sido vendida. Já lá estavam outras pessoas e eu fiquei a viver com os meus sogros. Depois o meu sogro arranjou-me lá um terrenozito, que ele tinha comprado aquilo barato e comecei a fazer uma casa. Hoje está legal, mas na altura foi na clandestinidade. Como o meu sogro me ofereceu o terreno só por palavra, ainda me deu bastante trabalho para que ficasse em nome da minha mulher. Agora tenho duas casas. Uma recebi de herança mas tive que pagar a parte dos herdeiros que foi avaliada. A outra não, é só minha.

Percurso profissional *Íamos "Desemburrar"*

Depois de acabar a escola fui para Lisboa trabalhar como marçano, num lugar de frutas, hortaliças e criação. Esse lugar era dos meus primos Alfredo da Cruz e Silvéria Nabal. Era na Travessa Henriques Cardoso mas eles moravam na Avenida de Roma. Era só virar a esquina e entrar no prédio, no sexto esquerdo. Ainda hoje parece que a filha lá mora. Estive aí um ano, ano e pouco. Era assim que nos puxavam para Lisboa. Era família e lá vai. Depois de mim ainda lá esteve o outro irmão, o Emídio. Também foi para lá, como a gente dizia, "desemburrar", porque a gente ia de cá burro. Mas aquilo lá não dava. Não tinha folgas, não tinha nada. Levantava-me muito cedo para ir para a Praça do Campo Grande. O meu primo ia à Praça à hortaliça e levava-me com ele. Depois era só juntar os cabazes da hortaliça para perto da camioneta. Era muito cedo e eu nunca me dei

assim muito bem ali. Não ganhava nada nessa altura. Era pela comida e vestida. Cama, mesa e roupa lavada, mais nada.

Como ali não dava, fui para casa de uns tios meus que moravam na Travessa de Olival da Graça e empregaram-me numa cromagem, ali também perto. Fui ganhar 7 escudos por dia com quase 14 anos. Eu não tinha conhecimentos para estas funções, fui aprendendo. Eu aprendia rápido. Em pouco tempo, passei de aprendiz a ajudante e já tomava conta dos banhos da cromagem, já sabia polir as peças na máquina.

Depois desse, zanguei-me, passei para uma outra e já fui ganhar um bocadinho mais. Foi no Largo do Carmo mas estive lá pouco tempo. O patrão oprimia muito as pessoas e um dia queria-me castigar, eu não aceitei e saí.

Estive um tempo a trabalhar numa sapataria mas não era como sapateiro. Era um estabelecimento e a única coisa que me deixavam fazer era limpar os sapatos.

Entretanto meti ali um pedido para trabalhar na Papelaria Fernandes e estive ali a trabalhar como ajudante de litógrafo. Também aí fui aprendendo. Tirava o papel, metia o papel e já via onde às vezes estava a ficar pontos. Era litografia de impressora, mas em ponto grande, era tipo de reclames e assim. Aí já desenvolvia e aprendia depressa, já tinha umas luzes disso. Às vezes aparecia uma sujidade qualquer no papel, já sabia parar a máquina, desligá-la e ir lá tirar. Sabia andar com o rolo de roda e ver onde é que estava a deficiência. Chamam-lhe tirar a deficiência da chapa. Sabia fazer, mas tinha o oficial ao lado. Isto foi um ano. Nos quatro dias de férias no fim do ano, vim à terra e não regressei mais para Lisboa. Só voltei de passagem e quando tirei a carta de condução. Para ganhar para a carta, andei a fazer biscates.

No Monte Frio, andava aos dias. Estive na estrada dos Pardieiros e depois de me casar andei de ajudante de camioneta. Fui também para as obras, por conta de um empreiteiro da Chamusca da Beira. Aí andei em Seia e pela Guarda a trabalhar como pedreiro. Foi quando assentei praça.

A tropa em Moçambique

A tropa era obrigatória, embora dissessem que era voluntária mas não. Íamos à inspecção, se ficávamos aprovados tínhamos que ir à tropa. Eu penso que na altura quando veio a guerra das ex-colónias, acho que ninguém ficava, parece que ia tudo. Iam cegos, aleijados, eu não sei quem é que ficaria por aí, devia ser só alguém com grandes pedidos ou mesmo uma deficiência muito grande é que não ia à tropa. Até pessoas com deficiência lá iam. Se não fosse para umas coisas, eram para outras. Prestavam auxílio.

Assentei praça em Agosto de 1968 e em Janeiro de 1969 fui para Moçambique. Como quando fui à inspeção tinha a profissão de ajudante de camioneta fui para motorista na tropa. Embora eu já tivesse umas luzes, aprendi a conduzir na tropa. Assentei praça no CICA 4 em Coimbra. O CICA era de aprendizagem de condução e tirei a especialidade de condução, no Porto.



Leonel Martinho (1969)

Entretanto, sou mobilizado e fui para África. Fui para Moçambique no barco Niassa. Demorei um mês a lá chegar. Comigo nesse barco foram também pessoas das redondezas. Da freguesia de Pomares, da freguesia do Barril. Eram uns da minha companhia, outros do mesmo batalhão. Por exemplo os condutores do meu batalhão saíam quase todos de onde eu assentei praça, de onde tirei a especialidade. Tinha alguns conhecidos, embora para a minha companhia não fosse ninguém da minha zona. Iam do mesmo batalhão, um rapaz que era de Pomares, casou na Cerdeira, outro rapaz que era do Barril e outro do Sardal que hoje reside em Côja. Este era o único mais conhecido. Já nos conhecíamos

desde miúdos, desde o tempo da catequese. Os outros foi por proximidades de assentarmos praça e sermos da mesma zona.

A minha função em Moçambique era conduzir colunas no mato. Nessa altura já tinha rebentado a guerra. Eu fiquei num quartel desviado de onde foi a minha companhia, a quase 200 e tal quilómetros. Fiquei a tirar o chamado especialidade de camiões grandes para fazer colunas de abastecimento. Transportava géneros alimentares. Levávamos escoltas mas íamos em unimogues. A minha viatura ia sempre carregada com bens alimentares: mercearias, arroz, massa, bebidas, de tudo. Era um trabalho tão perigoso como o dos militares. Nós íamos numa picada, nunca sabíamos onde é que estava a mina. Eu por acaso nunca apanhei nenhuma emboscada. A coluna, às vezes, era extensiva e apanhei dois ou três sustos mas por brincadeiras das pessoas que iam à frente. Íamos em comboios com os carros, uns com mercadorias e os outros de guarda mas tudo descapotável, tudo aberto. A nossa blindagem eram os sacos de areia por baixo dos assentos. Os atiradores iam sentados nos bancos daqueles unimogues e eu conduzia um Berliet, era eu e mais dois ao lado. Eu fazia, chamávamos-lhe a Ilha de Metarica, que era onde estava a minha companhia, até o centro de abastecimento, em Marrupa. Eram 165 quilómetros que às vezes demoravam uma semana a fazer.



Leonel Martinho (1969)

Quando chovia formavam-se as languas, que era onde a água acumulava. A gente metia lá os camiões e depois passávamos o tempo a tirá-los, a desenterrar

os camiões. Eles tinham tracção às quatro e mesmo assim ficávamos presos. Há alturas que fazíamos rápido, mas outras que se chovesse, a gente já sabia que ia com uma coluna para demorar quase uma semana para fazer 165 quilómetros. Sempre com muita atenção, a essas coisas todas. Quando os camiões atolavam tínhamos que os tirar uns com os outros, com os guinchos. Aqueles camiões estavam preparados com os guinchos, amarrava-se a uma árvore, puxava-se ou tirava-se uns aos outros. Outras vezes esperava-se que secasse, porque secando já saía.



Leonel Martinho (1969)

Eu fazia colunas com outro condutor da minha companhia. Era à vez, enquanto um fazia uma, o outro descansava e andávamos sempre nisto. Entretanto, a companhia recebeu mais uma Berliet, como ele não tinha muita prática quis ficar nas colunas e eu passei para dentro da companhia. Essa Berliet tinha uma avaria e foi isso que proporcionou a que eu tivesse um acidente. Nesse acidente ficou um rapaz, também condutor, debaixo do camião e faleceu. É aqui que se prolonga a minha estadia, infelizmente, em Moçambique. Estive lá mais

dois anos e três meses que o resto da companhia por causa do acidente e da burocracia, que já havia nesse tempo.

Entretanto como estávamos no norte do Niassa, fomos rodando. Viemos para Nova Freixo. Nova Freixo ainda fica praticamente dentro do Niassa mas foi pouco tempo. Depois viemos para o sul, para Namacha, chamavam a cinta portuguesa. Já tinha um clima fresco, já era preciso vestir blusão e tudo. Foi aí que a minha companhia veio embora e eu como ficava vim para os Adidos, em Lourenço Marques, que hoje se chama Maputo, e estive sempre por ali. Ora fora do quartel, ora dentro do quartel.

A camaradagem era a melhor, ainda hoje é. Fazemos almoços todos os anos.

Quando fui para o quartel na Ilha de Metarica, que era onde estava a minha companhia, todos nós tínhamos uma camarata própria. Tínhamos uma camarata por condutores, por operadores criptos, por transmissões, por atiradores e era tudo debaixo do chão, coberto com um troncos e areia, era uma espécie de uma cova. Todos tínhamos uma cama é claro, e em volta disso tínhamos uma vala muita funda que era para escoar as águas, porque tínhamos um rio a 500 metros, o Lugenda. Esse rio, quando chovia, transbordava e vinha ter com a gente.

"Água pelos joelhos e os colchões a boiar"

De noite tínhamos todos de fazer reforço, nem que fosse só uma hora. Era estar dentro de uma guaritazita, tudo em madeiras, em troncos, e estar a vigiar pela noite a ver se víamos alguma coisa. Por acaso nunca tivemos ataque nenhum ao quartel. Um dia eu estava a fazer isso mas chovia tanto, tanto, tanto que eu não conseguia sair. A porta de entrada para a camarata era a descer para debaixo da terra, e eu não conseguia sair dali. Quando consegui sair, quando chamei o pessoal, eles levantaram-se da cama, ficaram com a água pelos joelhos e os colchões a boiar. De manhã quando viemos à parada, que era a parte mais larga do quartel, havia lá peixes mortos. Subiam pela água acima e vinham. O rio transbordava. As chuvas tropicais são muito fortes.

O tempo de tropa traumatizou-me porque eu era casado, e já tinha duas meninas. Para comunicar com as pessoas da terra era através de cartas e aerogramas. As cartas tinham que levar selo e tínhamos que pagar. O aerograma era um correio gratuito dos militares, mas aquilo levava pouca coisa dentro. Às vezes, se a gente tinha muita coisa a dizer, por uma carta tinha que pagar o selo. Normalmente as tropas era tudo em aerogramas, mas as famílias respondiam mais em cartas. Eu penso que não demorava muito tempo, uma semana ou assim porque havia quase diariamente aviões. Mas os aviões demoravam muito tempo.

No mato, a distribuição do nosso correio era feita pelas aeronaves mais pequenas, a gente chamava de DO's, que nos levavam alguns géneros mais frescos. Quase todos os quartéis no meio do mato tinham uma pista em terra, onde aterrava um avião pequenino. Pelo menos na Ilha de Metarica era assim. Levavam-nos o correio, levavam alguns géneros de primeira necessidade, géneros mais frescos porque senão tínhamos de comer sempre arroz com feijão e feijão com arroz. Aquilo levava um peixezinho ou uma carne mais fresca, senão tínhamos que andar sempre à caça.



Leonel Martinho na viagem de regresso de Marrupa (1969)

Durante a guerra, fiquei cinco anos fora de casa. Nunca vi a minha família nesse período. Tive, por exemplo, em Lourenço Marques, pessoas da terra. Tive uma prima direita, que é professora, que esteve lá com o marido e os filhos. Hoje ainda é viva. Também lá estava uma senhora que é quase da minha idade que é só ela viva, os pais e o marido já faleceram. É a dona Arlete. Também a conheci em Lourenço Marques. Também me dei com uma senhora que era caboverdiana, que chamávamos a "madrinha do soldado", estava acamada, tinha tido

um acidente. Fui-lhe dar conhecimento a ver se me despachava mais rápido por causa do auto que eu tinha. O marido era da freguesia da Benfeita. Em Lourenço Marques foi o que muito me valeu. Ela fazia muitas festas para os soldados, fazia de uma coisa e outra. Ela andava numa cadeirinha de rodas e eu andava sempre com ela.

Nunca estive assim muito abandonado em Lourenço Marques. Eu nunca estava no quartel, vim trabalhar para fora. Na tropa trabalhei em dois restaurantes e num *boite* durante a noite. A partir do momento em que a minha companhia veio embora, para mim não houve mais tropa. O serviço que eu tinha de fazer dentro do quartel dos Adidos, no B.C.18 em Lourenço Marques, eu pagava-os. Com o dinheiro que eu tinha a levantar, que era 800 e poucos escudos, da tropa, deixava ficar ao Cabo da secretaria e ele punha os serviços a quem queria e pagava.



Leonel Martinho (1970)

De volta ao Monte Frio

Em Maio de 1973 saí de Moçambique e voltei para Monte Frio. Fui trabalhar para o mesmo sítio onde estava quando fui para a tropa, para um empreiteiro em Gouveia. De Gouveia passei para um empreiteiro que andava a alcatroar a estrada de Monte Frio para a serra, para o Porto da Balsa. Entretanto tirei a carta e comecei na camionagem.

Já tirei a carta com 29 anos. Primeiro andei três, quatro anos com o meu tio. Ele tinha uma garagem dividida em dois lados onde tinha os camiões. Trabalhava em carvão vegetal. Na garagem punha os camiões e na outra tinha carvão. Transportava carvão de azinho e a lenha de azinho para o Alentejo.

Daí fui para o Alves Bandeira. Foi o patrão que eu mais tempo servi. Foram 15 anos nos transportes de combustíveis por todo o país. Trabalhei na Refinaria do Porto, de Lisboa e de Sines.

Migração Por fora de Monte Frio

A vida em Lisboa

Fui de Monte Frio para Lisboa com 12 anos numa camioneta de carga, carregada de madeira que era do meu tio Manuel Henriques Júnior. Ele é que me levou e que me pôs à porta da minha prima para começar a trabalhar. Era normal as pessoas de família que estavam em Lisboa chamarem as da terra. Deram a mão a muita gente e há gente bem por causa dessas chamadas. Não só do Monte Frio mas também das terras vizinhas. A família chamava e as pessoas que tinham mais cabeça, não é o meu caso, conseguiram fazer uma vida nos táxis, em restaurantes, em cafés e tudo. A adaptação é difícil, para um miúdo, praticamente com os olhos completamente tapados. Embora estivesse em casa de gente de família. Era bem tratado, comia muito bem e dormia numa cama melhor com certeza do que a que dormia em casa. Andar com o cabaz das compras e ir ao clientes com o cabaz das compras às costas, sem saber atravessar uma rua, tornava-se difícil. Em Monte Frio via-se passar o autocarro da carreira que vinha todos os dias para Santa Comba Dão e mais nada. O mais que fiz, talvez, e foi a pé, foi uma viagem para arrancar um dente a Avô e acho que se alguma vez fui a Côja foi de carreira. Em Lisboa os automóveis eram muitos. Tive de aprender a atravessar as ruas com os cabazes às costas. Depois já atravessava aquilo com uma facilidade, mas em pouco tempo.

No transporte internacional

Trabalhei oito anos no transporte internacional. Andei por quase toda a Europa. Desde Espanha, que isso não conta que são vizinhos, era de passagem, a França, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Alemanha, Dinamarca, Áustria e a última, Eslovénia. A gente às vezes diz que gosta de trabalhar mais num país que no

outro, mas isso é maneira de trabalhar. Mas começando a adaptar-se parece que gosta de trabalhar em todos os países. Eu gostava muito de trabalhar em Itália, 75% do meu transporte internacional foi sempre feito em Itália. Eu já fazia a Itália, do sul ao norte, como a gente diz, "com uma perna às costas". Aos fins-de-semana quando tínhamos de estar parados aconteciam sempre episódios engraçados. A gente juntava-se, fazíamos a comida, uns bebiam, outros não bebiam, uns embebedavam-se, outros não. Eu não porque não bebo já há nove anos. Quando fui para o internacional já não bebia bebidas alcoólicas. Nesses momentos há grande camaradagem. Dizem que antigamente havia mais. Hoje é mais difícil. Já ninguém pára se vê um colega com um pneu rebentado. Antigamente toda a gente parava, mas agora também as exigências dos códigos também é outra coisa. Já não se pode parar de qualquer maneira. Eu não fui muito novo para o transporte internacional, porque achei que andava bem no nacional. Depois quando achei que estava mal fui para o internacional, e disse: "vou-me reformar no internacional". E foi verdade.

Costumes *Festas e bailaricos*

À luz do carbureto

Antigamente faziam-se muitos bailes, com muitas pessoas, muitos rapazes e raparigas, 10 a 15 anos mais velhos que eu. Alguns ainda hoje estão vivos outros já morreram. O meu pai ainda chegou a tocar guitarra e gaita de beijos. Tocava sempre a mesma moda mas lá animava aquela gente. Havia sempre divertimento. Como a gente diz, havia muita mocidade. Faziam-se aí uns bailaricos mas eu nunca aprendi a dançar.

Faziam-se nos chamados palheiros, com uma luz de candeeiro a petróleo ou a carbureto. O carbureto era uma pedra que havia, que fazia combustão. Esse candeeiro era em metal forte. Não sei se seria antimónio, se era aço inoxidável. Tinha duas partes, uma onde se punha o carbureto e outra onde se punha água. Era bem apertado e tinha um bico que quando se abria libertava um gás. Às vezes era preciso andar a desentupir os bicos. Ora, o carbureto ia-se dissolvendo com a água e produzia o gás. Acendia-se na ponta e aquilo estava logo a dar luz. Era o que antigamente usavam nas minas porque não se apagava. Não havia pilhas e muito menos capacetes com pilhas. Só mais tarde veio o tal Petromax. Era a petróleo, tinha uma camisinha com uma chaminé e isso dava já uma luz que era um espectáculo. Isso já se usava aqui nas festas. Pendurava-se nos mastros e já se via toda a noite. Antigamente, no dia da festa, a música estava a tocar até

à meia-noite. Para verem os papéis tinha de se pôr lá qualquer luz para verem se não tocavam de cor.

"O Santa Comba"

As festas em honra do Milagroso Bom Jesus e da Senhora da Boa Viagem são sempre em Agosto. Antigamente era sempre o dia 6 de Agosto, fosse à segunda-feira, fosse ao sábado, fosse ao domingo, o que fosse. Agora mudam sempre para o segundo sábado de Agosto, mais ou menos é agora o que têm feito. Este ano que passou não se fez a festa religiosa. Para o ano com certeza vão fazer, mas esta tradição está a acabar e para as pessoas que vivem no Monte Frio está a custar um bocadinho. Fica muito dispendiosa e já não há pessoas que queiram porque já não conseguem atingir os gastos, nem com pedidos, nem com publicidade. Mas antigamente a festa era muito tradicional. As pessoas começavam a preparar a festa dois a três dias antes, que era para matar a rês e fazer a chanfana. Vinha um matadouro, matava e esfolava. Isto para quem tinha gado. Quem não tinha, às vezes, comprava aqui e acolá. Faziam-se os doces como a tigelada, o arroz-doce, os coscoréis.

Depois vinha gente de Lisboa. Alguns vinham de carro mas era muito raro. Não há muitos anos, vinha tudo no autocarro, passar aqui o mês de férias. Havia um autocarro que a gente chamava o "Santa Comba" porque era diário aqui com ligação a Santa Comba Dão, ao comboio. Então ia e vinha. Depois as pessoas vinham no comboio para Santa Comba Dão e deslocavam-se assim para o Monte Frio. Quando eu era miúdo não havia praticamente ninguém que viesse de carro, era tudo nesse autocarro. Estavam aqui aos 15 dias. Quem tinha um mês, estava um mês. Depois as famílias eram numerosas, havia sempre muita gente em casa. No dia da festa vinha a música. Foi quase sempre a de Avô. Nessa altura, ainda não tinham autocarro, vinham a pé de Avô. Saíam de madrugada, a pé com os instrumentos às costas, para começarem no Monte Frio às oito horas a darem as voltas às ruas. Depois faziam a procissão, tocavam durante a tarde e durante a noite. À meia-noite iam-se embora. A pé pelos atalhos fora. Havia sempre quem tocasse um acordeão, uma concertina e faziam arruadas. Andavam de casa em casa de madrugada a beberem e a petiscarem. Depois começou a modernizar. Ao início, o chamado arraial, era feito pela filarmónica, depois começaram a aparecer os conjuntos e começou a filarmónica a ficar só até às sete horas e fica um conjunto a tocar depois das dez horas. São sempre dois a três dias nesta diversão. Os anos correm e isto está a morrer.

Do Carnaval ao Natal "são recordações que a gente recorda toda a vida"

Pelo Carnaval ainda me lembro que, às vezes, mascaravam-se. Nos bailes do Carnaval as pessoas punham qualquer coisa e disfarçavam-se. A gente não os conhecia, "quem será aquele? quem não será aquele?". Havia pessoas que ainda se divertiam com isso.

O Natal é o tradicional. Quando éramos miúdos não havia prendas, não havia Pai Natal, nem sonhávamos com isso. Os miúdos cantavam as Janeiras sempre ao dia 1. Eu lembro-me de ir à porta das pessoas, não era bem cantar, pedíamos as Janeiras. Normalmente as pessoas que tinham mais, que tinham o porco todo o ano faziam umas chouriças mais pequeninas, em vez daquela chouriça normal. Já as faziam mais pequeninas para se dar nesse dia. Nós íamos pedir as Janeiras e as pessoas davam-nos umas chouricinhas daquelas. Davam sempre uma chouriça de carne, uma farinheirazita ou uma morcela. Nós andávamos com um saquito de pano na mão, porque não havia sacos plásticos nessa altura, e era assim. Era uma alegria levar aquilo para casa. Pelo menos as pessoas mais pobres, não era só a minha casa mas mais umas três ou quatro que havia por aí, aquilo chegava a casa, uma chouricinha na sopa era muito bom. Também íamos pedir os Reis. Havia a taberna e as pessoas às vezes até compravam uns rebuçaditos para nos darem. Normalmente, era uns rebuçaditos mas também tinha uns bolos rijos dos sortidos que as tabernas tinham e era assim. Essas são recordações que a gente guarda toda a vida.

Os jogos tradicionais

O fito era jogado com um pau pequenino. Fazíamos um fito que pudesse assentar bem no chão e aguçávamos-lhe a ponta. Era aí uma coisa com 10 centímetros, aí com 2 ou 3 de diâmetro e jogávamos com uma moeda de 10 tostões ou com 1 vintém, umas moedas antigas. Era a tombar o que ficava mais perto da moeda. Dentro da taberna jogávamos para cima de um banco corrido. Só valiam as moedas que tombavam ou as que ficavam de cima do banco, as que caíssem para o chão já não valiam pontos. Hoje mantém-se mas já é o jogo, nós chamámo-lhe chinquilha. Já é com malhas pesadas em ferro e com um tubo. Mas o fito era engraçado nessa altura. Jogávamos também à bebida. Que era a jogar a parceiros ou um contra o outro para pagar um copo. Às vezes dentro da taberna para cima do banco ou na rua. Era um jogo tradicional, muito antigo.

"O cântaro caía e o gato fugia"

Depois havia a queima do gato. Não sei se era pelo Carnaval. Isso deixou de existir mas eu era miudito e lembro-me. Punham o mastro, atavam um cântaro em barro no cimo do mastro e punham lá dentro um gato, com a tampa. O cântaro era envolto com palha, incendiavam o mastro, a palha ardia rasgava lá em cima, o cântaro caía e o gato fugia.

As fogueiras

Noutros tempos, saltava-se a fogueira pelo São João. Íamos pelo monte apanhar o rosmaninho para pôr a arder. As fogueiras eram pelo São João, pelo Santo António e pelo São Pedro. A fogueira de Natal fez-se muitos anos. Ir aos cepos, pelos pinhais, fazer grandes fogueiras e cozer as batatas com o bacalhau. Isso fez-se muitos anos mas agora essas tradições estão a acabar.

Lugar Monte Frio - antes e depois

As estradas

Antes de começar a sair o carvão do Alentejo, o carvão era aqui na serra. Ainda empregava muita gente, a fazer o carvãozinho de torga, aí de medronheiro. Há quem dê outro nome ao medronheiro, que dava um carvãozito para as forjas, para temperar o ferro, esse carvão era melhor. Depois começou a aparecer o carvão do Alentejo. Mas isso já era mais para churrasqueiras, para aquecimento, essas coisas todas. Ainda cheguei a carregar carvão na serra. Quando não tinham estradas, transportavam em animais de carga. Punham os sacos e transportavam para um sítio mais perto onde já fosse uma camioneta ou um camião buscar. Eu quando nasci já a estrada estava construída. Embora em terra batida já havia estrada em direcção ao Porto da Balsa. Depois apareceu a ligação para a Beira Baixa. Foi para o lado do Piódão, para a Senhora das Preces, para Arganil e tudo isso. Depois houve uma altura que era mais florestal e abriram muitas estradas. A primeira estrada foi de cima da serra para baixo. A estrada de Pai das Donas a Luadas, foi a florestal que a fez. O primeiro carro que foi lá foi pela serra foi do engenheiro florestal, que nessa altura era o engenheiro Lino. Ele é que abriu

as estradas de floresta. Mas aos Pardieiros não lhe chegava no meu tempo. Os Pardieiros já eu era casado quando a estrada lá chegou. Eu andei lá a ajudar.

O que mudou em Monte Frio

A aldeia hoje é diferente daquela que era quando eu era criança. No meu tempo não havia as ruas como estão hoje. Não havia paralelos nas ruas, era tudo pedra, tudo peneda. Isto só começou há uns 40 anos atrás a empedrar. Ainda me lembro, eu era miúdo, de andarem a pôr os paralelos naquele Largo de Francisco Peres. Isto foi já depois dos meus 10 anos

Nas casas, fazia-se a estrumada para pôr mato à porta para se limpar os pés ou pôr para lá certas porcarias.

O tanque da Barroca já existia quando eu nasci mas o tanque novo fizeram-no depois.

Entretanto, no ano que eu fui para a tropa, oito dias depois foi inaugurada a luz eléctrica. Depois foi desenvolvendo. Foram pondo esgotos, água em casa. Está um bocado mais moderno. Sem dúvida as condições são outras.

Estes desenvolvimentos foi quase tudo à base da Comissão de Melhoramentos e das pessoas. Hoje já muita coisa é subsidiada, mas na altura não. Era tudo à conta da povoação, das quotas de alguém que dava para ali. Se havia alguma coisa para fazer as pessoas todas contribuíam e foram sempre fazendo assim as coisas.

"Não me sentia a viver noutro sítio"

Eu não vivo propriamente no Monte Frio, mas gosto muito da minha terra. Também onde vivo, para mim é um paraíso. Não me sentia a viver noutro sítio. Eu cá estou todos os dias e quando não estava vinha cá sempre. Não podia vir a minha casa, que é a 1 quilómetro e meio, sem vir à terra, nem que fosse só o fim-de-semana. Muitas vezes vim só 24 horas a casa mas eu tinha que vir aqui. Foi onde nasci, foi a terra da minha mãe. É onde está a casa que tinha quando os meus pais estavam vivos. Não passava sem lá ir.

Não me sentia bem sair de onde moro. Vejo o sol desde que nasce até que se põe e é muito bonito. Embora seja um bocado ventoso, um bocado frio. Também já foi muito mais frio. Antigamente nevava muito e hoje não neva. Há meia dúzia de anos que não se vê neve nestas serras mais próximas e antigamente andava neve aos oito dias. O gelo era diferente, levantava a terra. Com as geadas de manhã não se podia ir à horta. Passava-se às vezes oito dias que não se podia ir à horta que a geada não derretia. O clima está a mudar, é mesmo assim.

Se eu pudesse...

A única coisa que eu queria mudar era que viesse mais gente para cá. Que não se reformassem e ficassem pelas cidades, na poluição. Porque na aldeia é que se está bem. Já houve uma altura, há uns 20 e tal anos quase 30, que se reformaram e ainda hoje a maioria por cá está. Deram ainda grande contributo à terra. Vieram muitos casais. O Luciano, a Silvéria do Nabal e o Laureano. Reformaram-se mas ainda vieram para Monte Frio ainda com aquela coisa de irem amanhar umas terras ou fazerem umas coisas de cultivo. Agora as pessoas já não estão a querer vir, não sei porquê. Eu aqui não posso mudar. Se eu pudesse mudava uma casa que a gente tem, quem chega ao coreto. Quem olha é um cartão de visita muito mau porque está cair. Está com o telhado no chão. Quando nos chegámos ao coreto e olhámos para aquela casa parece que tira quase a beleza toda que a povoação tem.

Avaliação "*Belíssima ideia*"

Acho este projecto uma belíssima ideia. Por isso é que eu me prontifiquei logo, embora eu não tenha uma história tão completa como muita gente que ainda está viva. Os que são mais velhos do que eu e passaram o pós-guerra de certeza absoluta que têm outras coisas talvez para contar, outras histórias diferentes da minha. O pós-guerra também foi uma dificuldade muito grande. A fome passou por nós ou nós passámos pela fome. Não foi bem devido por não haver dinheiro, mas de não haver as coisas para se comprar. Acho que foi uma boa ideia virem fazer estas entrevistas. Por isso me prontifiquei para dar a conhecer aquilo que eu sei e mais não posso fazer, pode ficar alguma coisa por contar mas também o tempo não é muito.